

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

AS VARIAÇÕES DE HONG SANG-SOO

9 e 23 de Janeiro de 2020

BAUMI HAEBYEONEUI / 2017

“NA PRAIA À NOITE SOZINHA”

um filme de HONG SANG-SOO

Realização, Argumento: Hong Sang-soo *Fotografia:* Kim Hyung-ku, Park Hong-yeol *Som:* Hwang Yujin, Song Jea-jin, Kim Mir *Montagem:* Hahm Sung-Won *Interpretação:* Kim Min-hee (Young-hee), Jeong Jae-yeong (Myung-soo), Mun Seong kun (Sang-won), Kwon Hae-hyo (Chun-woo), Song Seon-mi (Jun-hee), Ahn Jae-hong (Seung-hee), Karl Feder (livreiro), Bettina Streibrügge, Gang Seong-woo (Kung Seong-woo), Kang Min-Jeon (Ma-ri), Kang Taeu (Sungu Kang), Kong Honh-Yeol (homem de preto), Mark Peranson (Paul), Bettina Steinbrügge (Lillian), Seon Sin (Joo-hyo), Brigitte Skerra (a mulher que abre a porta), Park Yea-ju (Do-hee).

Produção: Jeonwonsa Film (Coreia do Sul, Alemanha, 2017) *Produtor:* Hong Sang-soo *Cópia:* Fine Cut, DCP, cor, legendada em inglês e electronicamente em português, 101 minutos *Título internacional:* ON THE BEACH AT NIGHT ALONE *Estreia:* 16 de Fevereiro de 2017, no Festival Internacional de Cinema de Berlim *Inédito comercialmente em Portugal Primeira exibição na Cinemateca:* 28 de Julho de 2018 (“Double bill”, com REMORQUES de Jean Grémillon).

– *Estava preocupado consigo. Ninguém dorme dessa maneira. Pensei que estivesse embriagada.*

– *A sério? Estava a sonhar.*

dos diálogos do filme

É difícil soletrar em coreano, a tradução em português não soa mal, *Na praia à noite sozinha*. Mas o título internacional soa melhor: ON THE BEACH AT NIGHT ALONE, como o poema de Walt Whitman, em ligação com o que ia pela cabeça de Hong Sang-soo (parece que o leu em Hamburgo) quando deu o nome à primeira das três longas-metragens que realizou em 2017, a par de KEUL-LE-EO-UI / “A CÂMARA DE CLAIRE” e GEU-HU / O DIA SEGUINTE, sucedidas por duas outras no ano seguinte, GRASS e GANGBYEON HOTEL / “HOTEL À BEIRA-RIO”. Hong Sang-soo apressou o passo nesses dois anos, desacelerando depois. 2019 foi um ano *em branco*. HOTEL BY THE RIVER, um filme intensamente branco em que a estação do manto de neve casa com o Inverno de almas procurando não estar geladas, continua a ser o seu último filme a esta data, alinhando em trilogia a preto-e-branco com O DIA SEGUINTE e GRASS e autonomizando-se deles por se construir à volta de uma história familiar, pai e filhos.

Quem está *na praia à noite sozinha* é Young-hee, o nome da personagem de Kim Min-hee neste seu segundo filme com Hong Sang-soo, o que lhe deu um Urso de melhor actriz em Berlim 2017. Encontraram-se em SÍTI CERTO, HISTÓRIA ERRADA (2015) e fizeram juntos outros cinco dos seis filmes de Hong Sang-soo desde então. ON THE BEACH AT NIGHT ALONE, em que ela é uma actriz em ressaca amorosa por um amante perdido, realizador de cinema, foi o segundo. Tem dois andamentos, devidamente assinalados – 1, 2; directores de fotografia diferentes; genéricos distintos; a mesma música a embalar a passagem assegurando a continuidade a negro. O primeiro é em Hamburgo, na Alemanha, onde o filme começa, porque aí está a rapariga gozando da miragem curativa da distância geográfica; o segundo, mais longo (talvez três terços do filme), numa cidadezinha costeira da Coreia do Sul, Gangneung, com uma praia onde se pode dormir à noite estendida em frente ao mar. O que Young-hee faz, tão profundamente que há-de assustar quem dá por ela adormecida na areia. Por sorte, com

sorte, há coisas que se vão resolvendo assim, durante o sono e de que ao acordar é possível conservar uma lembrança.

Já agora, lembre-se: os filmes de Hong Sang-soo seguem, por norma, o compasso de segmentos definidos, autónomos, co-relacionados, declinados, podendo este compasso ser binário (como em SÍTIO CERTO, HISTÓRIA ERRADA) ou ternário (é, por exemplo, o caso de “O FILME DE OKI”). As variações, narrativas, mas também formais, constituem uma das linhas transversais do cinema de Hong Sang-soo quase desde o início, também não raras vezes empenhado na desconstrução ou no abalo que podem suceder ao nível da acção, do estado emocional das personagens e no interior dos próprios planos, cuja qualidade contemplativa é frequentemente cortada pelos bruscos reenquadramentos dos movimentos zoom, que adoptou a partir do “CONTO DE CINEMA” de 2005.

Por outro lado ainda, a auto-reflexividade participa das marcas Hong Sang-soo, desde logo na profusão de personagens ligadas ao cinema, como o realizador e a actriz deste filme. Ou nas cenas em salas de cinema, como a de Kim Min-hee no início do segundo segmento, espectadora solitária de uma plateia de cadeiras vermelhas desertas de um filme cuja projecção fica fora de campo (tal como sucede à – sua – protagonista de SÍTIO CERTO, HISTÓRIA ERRADA, e de maneira diversa do dispositivo do “filme no filme” no conto para outros actores em 2005). A auto-reflexividade pode entender-se também no sentido do rasto biográfico que os filmes projectam, e que a propósito de ON THE BEACH AT NIGHT ALONE muito se sublinhou, vindo no *rasto representação* directa, pela história pública entre Hong Sang-soo e Kim Min-hee, que terá feito correr rios de tinta na imprensa tabloide na Coreia, fazendo de Hong uma “figura popular” no seu país pelas sempre mórbidas razões do interesse coscuvilheiro pela vida alheia. Mas muito francamente não é a perspectiva fundamental ou sequer a mais relevante. O que ao espectador importa é a construção do filme, a sua carga emocional, a maneira como nos transporta para aqueles sítios e para perto daquelas personagens. Quase para as mesas em que protagonistas e personagens secundárias partilham conversas, comida, bebida. Ou para o pequeno café onde é preciso separar pacientemente feijões em alguidares coloridos e se pode vir fumar e cantar baixinho à porta numa espécie de embalo ao sol.

No início da primeira parte, em território alemão, o café é ocidental, um mercadinho ao ar livre, e a protagonista está acompanhada por uma amiga, como ela asiática. Bebem café em copos grandes descartáveis. Aí e nas sequências seguintes, na varanda de uma casa, num parque da cidade, depois em casa de uns amigos e finalmente numa ida à praia, os diálogos entre elas, por lacónicos que sejam, são o suficiente para nos dar conta do que se passa – um tumulto interior, uma separação que não está resolvida nem na cabeça nem no coração da rapariga. Ela tenta. E tem apetite – passa quase todo o filme a comer –, e tem gosto nuns copos de cerveja ou de soju nas refeições com mais convivas que servem o estado de vago torpor também reconhecível de filme para filme nos Hong Sang-soo. A conversa, os cafés e os restaurantezinhos em que se passa tempo e em que a câmara encontra um visível deleite, mostram-nos o coração, a luz e as trevas das personagens, não como se nada fosse, mas como se fosse simples.

No segmento na Alemanha, há uma reunião de amigos e conhecidos, em que o entendimento passa pelo desentendimento que pode haver quando estas personagens têm de expressar-se noutra língua que não a sua. Na Coreia, a refeição que junta os dois casais e a rapariga sozinha, serve para que troquem experiências, sorrisos, gargalhada, uns gritos. Zangam-se e entendem-se na zanga, em certo sentido está tudo bem. A rapariga deita umas coisas cá para fora, questiona o que é “estar habilitado para amar” (o ponto incendiário da discussão). A contenção das convulsões emocionais nos filmes de Hong Sang-soo não é à prova de bala, pode ser suspensa pelos estilhaços da exasperação desabrida das personagens, normalmente fugaz. Na última refeição do filme, em que a equipa de cinema do realizador-amante perdido participa, pela presença, da conversa entre o casal que já não é, a rapariga faz por que seja dito o que há a dizer. Leva o realizador a uma confissão muito hongsangsoosiana no sentido de muito melancólica e intrinsecamente divertida, em que se declara que estar sempre a contar histórias pessoais é aborrecido, que parecer normal e funcional não é

conclusivo – “Faço filmes, mas não sou normal!” –, que é preciso soltar as mágoas. E ouve uma passagem de um livro. De um conto de Tchechov, *Sobre o Amor*.

O *amor* é – é claro – o ponto nevrálgico do filme, a experiência do amor e do que ela deixa. ON THE BEACH AT NIGHT ALONE pode passar-se todo na cabeça da rapariga, que no fim se afasta na praia, sozinha. Já no final da “parte 1” desaparece noutra praia, alemã, primeiro de campo, e depois da vista dos amigos quando a câmara a procura em movimentos de busca para a descobrir inerte às costas do desconhecido que dali a leva. Num momento anterior do segmento inicial, ainda em Hamburgo, um passeio num parque entre a rapariga e a amiga dela tem um momento inesperado de suspensão quando, antes de atravessar uma ponte filmada num plano geral que antecede um zoom, a rapariga se acocora no chão, levantando-se em seguida para prosseguir. Numa espécie de prece. “Antes de atravessar a ponte, tentava decidir o que quero realmente. Foi só uma oração.” “Quero viver de uma maneira que me contente. Ser forte e viver à minha maneira, independentemente do que venha a acontecer. Foi o que decidi.” Viver e morrer *graciosamente*, dirá ela mais tarde. Não é certo que os fantasmas não tenham ficado com ela, atravessada a ponte.

A gravidade do filme convive com uma leveza burlesca que vem de pequenos apontamentos de humor. Chegam a ser declaradamente *nonsense*, existem no filme porque sim, sem explicações nem muita perplexidade por parte das personagens. É o caso da corrida de um desconhecido atrás das duas amigas, nesse parque alemão. É sobretudo o caso da estranhíssima, divertidíssima, presença do homem que lava afanosamente o largo vidro da varanda sobre o mar no quarto de hotel do segundo segmento, do lado de lá, sem que a sua presença perturbe minimamente o que se passa do lado “de dentro”. Numa segunda sequência nesse mesmo quarto, voltamos a vê-lo quando o plano “abre” e o homem, de costas, voltado para o mar, agora já só estático, lá continua. É tudo. E é muito bom.

A bizarra personagem é interpretada pelo director de fotografia Park Hong-yeol (colaborador regular de Hong), mas só podemos sabê-lo pelo discurso produzido acerca do filme por Hong Sang-soo em entrevistas, aprendendo assim que o momento burlesco do lavador de vidros do hotel surgiu para emparelhar com a cena inusitada do homem que quer saber as horas no parque, nascida do nada. Também só por Hong podemos saber que na bela cena do embalo ao sol, a rapariga canta uma canção com palavras escritas por ele, como há-de voltar a acontecer na praia de Cannes (“A CÂMARA DE CLAIRE”). E que não é uma primeira vez nos seus filmes porque já aconteceu em SÍTIO CERTO, HISTÓRIA ERRADA, em que há dois temas musicais não creditados a Hong Sang-soo. Já para o que chamam as palavras reincidentes dos títulos, o *raccord* é óbvio: WOMAN ON THE BEACH, que é melhor citar em inglês assim mantendo a sobreposição quase literal com o filme americano de Jean Renoir que em português se chamou *a mulher desejada*.

A quem queira lembrar-se do poema que está na origem do título de ON THE BEACH AT NIGHT ALONE, reserva-se a página seguinte.

Maria João Madeira

De Noite, na Praia

Walt Whitman, 1871 — tradução de José Agostinho Baptista (Assírio & Alvim, 2003)

De noite, na praia,
Uma menina está com o pai,
Olhando para Este, para o céu outonal.

Através da Escuridão,
Enquanto vorazes nuvens, fúnebres nuvens, soltando-se em negras massas,
Cobrem velozmente o céu,
Por uma clara e transparente franja de éter que ainda permanece no Este,
Imponente e majestoso ergue-se Júpiter, senhor das estrelas,
E um pouco mais acima, quase ao alcance da mão,
Nadam as delicadas irmãs, as Plêiades.

Na praia, a menina, de mão dada com o pai,
Olhando essas fúnebres nuvens que avançam triunfantes, devorando tudo,
Chora em silêncio.

Não chores, menina,
Não chores, meu amor,
Deixa que estes beijos enxuguem as tuas lágrimas,
As lágrimas vorazes não serão sempre vitoriosas,
Não possuirão o céu muito mais, só em aparência devoram as estrelas,
Júpiter ressurgirá, sê paciente, volta outra noite e verás que as Plêiades ressurgirão,
São imortais, todas essas prateadas e douradas estrelas imortais voltarão a brilhar,
As grandes e as pequenas voltarão a brilhar, elas perduram,
Os vastos sóis imortais e as eternas luas pensativas voltarão a brilhar.

Então, minha querida, só por Júpiter choras?
Só pensaste na morte das estrelas?

Qualquer coisa há,
(Consolando-te com os meus lábios que murmuram,
Ofereço-te a primeira sugestão, a interrogativa e a indirecta,
Qualquer coisa há ainda mais imortal do que as estrelas,
Muitas mortes, muitos dias e noites que passam),
Algo que perdurará mais do que o brilhante Júpiter,
Mais do que o sol ou qualquer satélite,
Ou do que as radiantes irmãs, as Plêiades.